

30/06/2017 - 05:00

Conta também chega ao bolso dos profissionais

Por Rosângela Capozoli



Alexandre Dupin Gade: "Está sendo minha grande oportunidade de conciliar trabalho e estudo em alto nível"

Executivos em momento de transição de carreira estão se deparando com novos cenários no mercado de formação e treinamento. As empresas reduziram os investimentos na preparação de seus profissionais, deixando a iniciativa e a conta da escola e das viagens para o bolso do executivo. Para quem busca mudanças na carreira, estágios longos fora do país e da companhia se tornaram quase inacessíveis. Segundo especialistas, o indicado para uma fase de transição profissional é manter um pé aqui dentro e outro lá fora.

"O ideal é esse misto de Brasil e exterior", diz Jorge Carneiro, professor e coordenador do OneMBA FGV. Essa modalidade de MBA integra o Global Courses, que conta com cinco universidades parceiras fora do país. Cada grupo de estudantes no Brasil tem um professor mentor no exterior. E ao longo dos dois anos de curso, o aluno passa quatro semanas fora, cobrindo sete países no total.

Ylana Miller, professora do Instituto Brasileiro de Mercado de Capitais (Ibmec), defende a formação em diferentes ambientes, especialmente para quem está buscando novas opções profissionais. "Sou a favor de colecionar visões diferentes e aprender com professores, escolas e negócios no Brasil ou no exterior", afirma.

Ylana, que também é sócia diretora da Yluminarh - Desenvolvimento Profissional, no Rio de Janeiro, é um exemplo da prática que defende. Ela faz doutorado presencial em educação na Universidade de Sek, em Santiago, no Chile, onde passa dois a três meses por ano. "A diferença é que, aqui, eu teria que ficar até cinco anos dentro da universidade, diariamente, e eu tenho uma empresa de consultoria e não posso me ausentar", diz. "Se o curso fosse aqui, teria que abrir mão de 80% da minha vida profissional". Com os três meses que passa no Chile, Ylana completará o curso de quatro anos praticamente no Rio.

Alexandre Dupin Gade, gerente sênior da Colgate Palmolive, é um "profissional-estudante" que adotou a prática de "um pé aqui dentro, outro lá fora". Em 2018, ele termina o curso OneMBA. Sua experiência internacional começou na graduação, quando interrompeu o curso de engenharia de alimentos na Faculdade Federal de Viçosa (MG), em 2000, e foi trabalhar nos Estados Unidos. De volta ao Brasil, passou por grandes empresas, retornando aos bancos escolares no OneMBA da FGV. Os 21 meses do curso preveem quatro semanas em sete países, a internacionalização que Gade buscava.

Se tiver de deixar o país, ele poderá continuar seu curso nos EUA, México, China ou Holanda, onde há universidades parceiras do OneMBA. "Não fazemos apenas um MBA executivo, mas um global MBA, na medida em que tenho conhecimento do mercado asiático, europeu, americano, porque o curso proporciona residência nesses cinco países ao longo desses dois anos, sem interromper a minha carreira profissional, e com experiências verdadeiras", afirma. "Está sendo minha grande oportunidade de conciliar trabalho e estudo em alto nível", diz Gade.

Os custos, R\$ 175 mil, estão saindo de seu próprio bolso. "Embora alto, o valor é perfeitamente administrável no orçamento de uma pessoa que continua trabalhando, como é o caso dos nossos alunos", diz Carneiro, coordenador do curso da FGV.

Para Alexandre Gade, que já tem 17 anos de carreira, a solução foi se organizar. "A responsabilidade do meu desenvolvimento é minha e não espero o time da empresa para decidir qual formação externa farei", afirma. "Abrir uma janela de dois anos para fazer um curso 'full time' é muito arriscado. Mas sempre dediquei grande parte do meu salário como verba de estudo".

Deixar por conta do profissional os custos de sua formação é uma prática cada vez mais adotada pelas companhias. "Nos últimos cinco anos, as empresas estão diminuindo seus investimentos com gastos na formação do profissional", diz Ylana Miller, do Ibmec. "É preciso que as pessoas sejam mais responsáveis pelas suas carreiras. Não se deve esperar que apenas a empresa invista no colaborador", diz. Segundo ela, é cada vez mais comum profissionais em transição de carreira, "que se organizaram mal e que agora se defrontam com uma lacuna na sua formação".

Na prática, enquanto empresas recuam no financiamento de cursos, aumenta o número de profissionais que querem, ou se veem pressionados a continuar sua formação. "Estudo é para o resto da vida", diz a professora do Ibmec. "É levar dever para casa, entrar na dinâmica de sala, participar de grupos, discutir ideias, ler artigos atualizados. Não se pode contar apenas com a experiência que já teve", afirma.